

Defendamos a Sintaxe da Língua Portuguesa

(UMA CONCORDANCIA QUE PARECE DESCONCORDANCIA)

Por José de Sá Nunes. (Da Academia Brasileira de Filologia e do P. E. N. Clube do Brasil)

Eis o que me escreve "Um apaixonado pelas coisas da Língua": "Faz seguramente vinte anos que me dediquei ao estudo constante do nosso belo idioma, e, quanto mais aprendo, mais acho que aprender. Entre as construções que mais se usam, existe uma sobre a qual os mestres ainda não chegaram a perfeito acordo: quero referir-me àquela em que, estando o verbo regente apassivado pela partícula "se", acompanhado de infinitivo, a este se segue um substantivo no plural, como nesta frase: "Intenta-se demolir aquelas casas, para se abrir uma avenida." De quando em quando formulo uma consulta, sempre com pseudónimo a esses que mantêm secções gramaticais em revistas e gazetas, e ao meu caro professor mesmo já por três vezes me dirigiu neste sentido. E por espírito de justiça devo confessar que somente o senhor me tem respondido invariavelmente com perfeita coerência; os demais, ora me respondem "pedra", ora "pau", o que significa, sem sombra de dúvida, que não estão seguros na sua doutrina. De certo tempo até agora, um deles tem sido coerente na sua teoria, mas é precisamente por causa disso que venho bater à sua porta. A coerência desse tal doutrinador é, me parece, baseada numa confusão (sei lá!) do seu modo de apreender o problema (se é que há problema nisso). Eu me explico: consultado por mim há cerca de oito anos respondeu-me pelo "O Estado de São Paulo": "Procura-se alugar casas" ou "procuram-se alugar casas" são formas correctas; na primeira, o sujeito há-de ser "alugar casas" e na segunda é "casas". Doutra feita, perguntei-lhe se era certo dizer-se "quer-se demolir aqueles muros", e ele me respondeu que "existe inteira liberdade de concordância em quer-se demolir aqueles muros e querem-se demolir aqueles muros". Ainda recentemente o consultei a ele acerca da legítima sintaxe da frase "permitem-se erguer aqueles prédios" ou "permite-se erguer aqueles prédios". A resposta não se fez esperar: "Com as frases do tipo desta, onde há verbo apassivado seguido de outra frase, a língua permite duas concordâncias: levando ao plural o verbo apassivado, em concordância com o substantivo plural que se encontra logo após; ou conservando no singular o verbo apassivado que terá por sujeito a frase toda." Eu é que não posso conformar-me com essa doutrina, porque acho absurdo, porém ainda uma vez desejo ouvir-lhe a opinião. Rogo-lhe o favor de me responder pela Imprensa. Pode ser?"

Por que não? Mas eu não desejava repisar este assunto, porquanto dele tenho tratado em diversos artigos que foram publicados em revistas e jornais, e nos meus livros didácticos expliquei a razão pela qual se deve considerar verdadeiro socicismo o emprego do verbo regente no plural em

instruções idênticas ou semelhantes às que trouxeram à balha o meu estudioso consulente. Nunca me veio este parecer, porque, desde que eu cursava o ginásio, onde se adoptava a "Gramática Portuguesa" de João Ribeiro, o meu professor de Português me ensinou na mente, valendo-se de numerosos exemplos adequados, a verdade contida nesta lição daquele gramático: "há certos casos em que a frase pode ter dous sujeitos de diversos números, e então a concordância é arbitrária. Ex.: Deve-se promulgar as leis, ou devem-se promulgar as leis. No primeiro caso o sujeito é promulgar; no segundo, as leis. Quando, porém, o sentido determinar exactamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: Quer-se inverter as leis, e nunca querem-se inverter as leis. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é inverter. Da mesma forma deve-se dizer: intenta-se demolir aqueles muros; e não intentam-se." (Op. cit., 19ª edição, pág. 214.)

Jamais me afastei deste ensinamento, porque ele está em harmonia com a lógica e os factos da Língua. Quem o não seguir estará, em desacordo com as normas do bom-senso, da razão e dos exemplos dos escritores máximos.

Em Março de 1929, — já lá vão perto de cinco lustros —, respondi a uma consulta em que se me perguntou se devia dizer-se "pretende-se modificar os estatutos" ou "pretendem-se modificar os estatutos", resposta que foi estampada na "Revista de Língua Portuguesa" número 58, a páginas 157-160, e o que lá escrevi posso re-escrever agora sem alterar uma vírgula. Não sei se o meu consulente possui esse número daquela revista; se o soubera, contentar-me-ia em remetê-lo a ele, e pingaria aqui o ponto final. Entretanto, apraz-me satisfazer-lhe o intento de expor de novo a minha opinião, roborada, é certo, por abundante exemplificação.

Começo por transcrever os exemplos que lá citei, os quais, felizmente, hão servido a vários prelectores e doutrinadores não só daqui, mas também do ultramar, para abonarem os seus pareceres e preceitos gramaticais. Ainda bem que não perdi o tempo em os pesquisar para oferecê-los aos estudiosos. Ei-los aqui:

"Mais flagrante é ainda a violência, com que se procura ver participios presentes nos seguintes textos." (Cândido de Figueiredo: "Novas Reflexões da Língua Portuguesa", ed. de 1923, pág. 123.)

"Palavras, com que se procura reformar ou melhorar os actos, costumes ou opiniões de alguém." (Idem: "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", 4ª ed., vb. exhortação. O mesmo na 5ª ed. e na 6ª edição.)

"Em cortes de D. João I se mandou levar em conta as despesas que a cidade fez com os procuradores." (Camillo Castelo Branco: "Mosaico", pág. 57.)

"Quando se intenta comemorar o génio, os feitos, as virtudes de um personagem eminente, a estátua é a forma, que habitualmente se prefere." (Latino Coelho: "Arte e Natureza", 1ª ed., pág. 138.)

"Também se aconselha fazer cócegas no gorgomilo com uma rama de pena." (António Feliciano de Castilho: "Colóquios Aldeões", ed. de 1879, pág. 238.)

"No latim, . . . usava-se construir ambos esses dois últimos verbos com a preposição ad." (Rui Barbosa: "Réplica", n.º, 166.)

A propósito do supracitado exemplo de Latino Coelho fiz o seguinte comentário: "O passo de Latino Coelho, não obstante se achar o verbo antes do sujeito composto, serve para exemplificar o caso, porque ali, ainda que estivesse no plural o primeiro substantivo, o verbo intenta se conservaria no singular. Dir-se-ia, então, com perfeita correcção gramatical: "Quando se intenta comemorar os génios, os feitos, as virtudes. . ."

O período camiliano também merece comentário, como o foi no meu artigo inserto na mencionada revista. Bem que seja idêntica a maneira de o analisar (idêntica à das outras citadas), contudo é diversa a explicação; em casos análogos, sempre se poderá usar o verbo regente no plural: "Mandaram-se levar em conta as despesas", isto é, "as despesas foram mandadas levar em conta". Lá disse eu: "Na formidável polémica travada entre dois gigantes da vernaculidade — Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro — acerca da redacção do projecto do Código Civil, o maior e o melhor dos escritores da nossa língua nos deu, a todos nós, esta preciosa lição de português: — "O art. 1.497 do projecto anterior à revisão Carneiro encerrava esta cláusula: "Mas poder-se-á também levar em conta riscos diferentes." No posterior a essa revisão esta cláusula aparece corrigida assim: "Mas poder-se-ão também levar em conta riscos diferentes." Ora a emenda é que, supondo errônea a redacção dos cinco, incorria em erro. O verbo poder, ali, tanto caberia no singular, como no plural, sendo-lhe sujeito, no último caso, a ex-

pressão lucros diferentes, e, no outro, a oração do verbo levar." ("Réplica", número 12.)

Essa lição, todavia, não foi nem podia ser ministrada ao sábio mestre Carneiro Ribeiro, que obtemperou: "Nada de novo nos adiantou o douto autor da "Réplica": já de muito sabíamos que os nossos clássicos, em construções análogas, empregam alguma vez o verbo poder no singular, mas nada nos vedava que, de dois modos correctos de construir uma frase, preferíssemos a construção que nos parecia de uso muito mais comum entre os nossos escritores de melhor nota, e sobre cuja legitimidade nem, sequer, vislumbram toques de suspeita." ("Tréplica", ed. de 1923, pág. XXVIII.)

Mas, em relação aos outros exemplos não se (Conclui na 13ª. Página)